**Corpos que ensinam: dança, entretenimento e identidade nas comunidades quilombolas de Portalegre - RN.**

Agustinho Maia Fernandes Neto[[1]](#footnote-1)

Joyce Azevedo de Souza

Kananda Rodrigues de Paiva

Luana Holanda de Sousa

Mykarla Arkimeyre dos Santos Gonçalves

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo apresentar distintas práticas corporais encontradas e desenvolvidas em comunidades quilombolas do município de Portalegre – RN, utilizando como foco, a dança. Motivados pela escassez de trabalhos sobre tais comunidades, sobretudo quando a abordagem é a área da Educação Física, atiçou-se a curiosidade e o desejo em conhecer as práticas corporais e a riqueza cultural que envolve o povo afro descendente. Discutimos, portanto, sua diversidade e o seu folclore, destacando a dança, enquanto manifestação de seus costumes e manutenção de sua identidade. A pesquisa neste campo presumiu um variado leque de alternativas de se conhecer uma dada realidade, e no presente contexto, de identificar nos Quilombolas de Portalegre, práticas, ensinamentos, costumes e identidade.

Palavras - chave: comunidades quilombolas; dança; entretenimento.

**Abstract**

This work aims to present different body practices found and developed in quilombo communities in the municipality of Portalegre - RN using focus , dance . Motivated by the lack of studies on such communities , especially when the approach is the area of Physical Education, stoked up the curiosity and desire to know the corporal practices and the cultural richness that surrounds the african descendant people. We discussed thus its diversity and its folklore , highlighting the dance, as a manifestation of their customs and maintain their identity. Research in this field, assumes a wide range of alternatives to meet a given reality and in this context , to identify the Quilombo of Portalegre , practices, teachings ,customs and identity.

Kewords: quilombo communities ; dance; entertainment.

**Corpos que ensinam: dança, entretenimento e identidade nas comunidades quilombolas de Portalegre - RN.**

**Introdução**

Dentro das potencialidades e da diversidade social que possibilitam uma riqueza folclórica e cultural de determinados lugares, podemos encontrar no Brasil inúmeros palcos onde esse poder é manifestado.

São grandezas que potencializam as riquezas socioculturais na medida em que:

Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE. *Folk*, povo, nação, família, parentalha. *Lore*, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediatista do conhecimento. (CASCUDO, p.9).

Neste sentido, ele sugere o entendimento de folclore como a tradição de um povo e cultura popular que apresentam heterogeneidade de saberes. Desde então, folclore tornou-se sinônimo de “cultura popular”, embora nem toda cultura popular seja folclórica. Mais recente, porém não menos complexa, é a relação do folclore e a cultura popular com o conceito de patrimônio cultural imaterial. Isso se dá quando entendemos folclore como um evento expressivo, cultural, costumeiro de um certo lugar expressado como arte, dança ou festejos distintos preservados, mantendo uma tradição e produzindo a identidade cultural do lugar e de quem o pratica.

Câmara Cascudo citou que “Nenhuma ciência possui como o folclore maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade, do heroico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo”. Aqui ele explora uma característica do folclore mostrando sua peculiaridade no trato humano. É fato que ao entrar num certo costume estaremos tomando emprestado uma parte deles afim de soma-los aos nossos saberes, sem necessariamente praticá-los, sendo que isso pode ser experimentando por diferentes gerações, de diferentes costumes, em diferentes tempos.

Com isso, projeta-se uma discussão sobre o conceito de cultura, refletindo a partir de duas expectativas: a cultura vista no olhar antropológico e a sua condição na área da educação física. Neste segundo aspecto, no que diz respeito ao entendimento da cultura e sua relação com a cultura corporal de movimento. Mas afinal, o que é cultura? Aqui nos deparamos com uma vasta conceituação, se observamos pela abordagem antropológica. No livro “Cultura: um conceito antropológico”, um dos maiores antropólogos brasileiros Roque de Barros Laraia vem afirmar que a “cultura condiciona a visão de mundo do homem”. O sentido que ele traz para tal afirmação é carregado de importância e responsabilidade na medida em que suscita dúvida, abalando as certezas, ao mesmo tempo em que busca entender a relação de diversidade cultural dentro de uma mesma cultura.

Com esse entendimento, Laraia cita Confúcio: “A natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantém separados” ilustrando assim, um dos grandes problemas que permeia a ação dos antropólogos – a diversidade cultural. Ou seja, se pertencemos a uma cultura, por que existe dentro dela mesma, subculturas que advogam para si valores como certo e errado, como seus, e vive e os tem como verdades, ignorando uma dinâmica que requer determinação biológica e geográfica. Neste sentido, Segundo F. Keesing *apud Laraia,R.,* afirma:

Não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura se for colocada desde o início em uma situação conveniente de aprendizado.

Como se pode notar, não é o ambiente que determina as habilidades e sim a cultura, ou ainda o processo de endoculturação no qual a criança foi submetida. Ou seja, o comportamento do indivíduo depende do conhecimento e cuidados que lhe são ofertados e do que lhe é ensinado, em que pese o fato de independerem de que seus traços genéticos ou o lugar onde nasceu sejam distintos do lugar aonde está.

Com isso, de acordo com (Daolio, 2007, p.1), estudos e artigos recentes tem adotado o termo cultura, como conhecimento da área humana, na tentativa de explicar o movimento, o que coincide com o afirmado por Castellani (2011) que tal conhecimento nos permite entender o que é a cultura do movimento. Isso nos projeta pensar que não mais o conhecimento biológico, biomecânico e fisiológico, somente seria suficiente para a explicação do movimento e do entendimento da cultura corporal, essa reflexão é válida quando entendemos que para a percepção do todo, as reflexões e estudos da antropologia, da sociologia e da história, são essenciais.

**Objetivo**

Diante disto, qualquer abordagem de Educação Física que negue esta dinâmica cultural inerente a condição humana, correrá o risco de distanciar e desumanizar o seu objetivo último: o homem como fruto e agente de cultura. (Daolio, 2001, p 38). Como discentes do Curso de Educação Física, nossa perspectiva coaduna com pensamento de Daolio, no sentido que objetivamos desenvolver uma pesquisa sobre os entretenimentos e as práticas corporais das comunidade quilombolas da serra de Portalegre a partir da análise de um dos seus elementos folclóricos – a dança, concedendo importância no que tange a intenção do movimento como riqueza e identidade cultural destes.

**Metodologia**

Para a investigação das práticas de movimento como cultura corporal dessas comunidades, o método utilizado na pesquisa foi o estudo de campo a partir de entrevistas com questionário semi–estruturado, o que nos possibilitou a moldagem e adequações das mesmas durante a execução.

A pesquisa se desenvolve na zona rural do município de Portalegre – RN, cidade serrana com população estimada de 7.320 habitantes (IBGE, censo 2010), dividido entre zona rural e urbana. A cidade é encontrada na microrregião serrana oeste do Estado do Rio Grande do Norte, mais conhecido como “tromba do elefante” com altitude de 650 metros acima do nível do mar. Ela se encontra a 400 km de Natal, capital do Estado. Se inscreve no bioma caatinga, porém possui clima serrano onde na maior parte do ano predomina o frescor, e durante o inverno a fria temperatura. Possui grande potencial turístico tanto pelo seu clima agradável quanto pelas belezas naturais e pontos turísticos.

Sobre a suas origens, há diferentes versões sobre o nome “Portalegre”. Dentre elas explicitaremos duas. A primeira explicação se deu quando O juiz Caldeira de Pina Castelo Branco, que acompanhava os índios do Apodi, “ao subir a serra, olhando por uma aba da mesma serra, disse as seguintes palavras: “*É uma Porta Alegre,* deste lugar”. (Morais. G *et al* MOTTA, 1923, p. 124. Grifo do autor)[[2]](#footnote-2). Se encantado com a beleza do alto da serra com o panorama do sertão e toda a beleza da vegetação, inspirou o nome da cidade, que se deu primeiramente como vila, em meados de 1761.

A segunda versão para a origem do nome da serra segundo Barreto (s.d., p 17)

O juiz Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco teria achado a geografia da serra parecida com a cidade de Portalegre, localizado na região do Alentejo em Portugal onde viviam seus familiares. O nome Portalegre seria uma homenagem a essa região[[3]](#footnote-3).

Ainda, esse termo Portalegre também se encaixa quando nos referimos a hospitalidade dos seus habitantes, já que costumam ser receptivos em suas casas, sempre de “Portas Alegres”. Também, boa parte da população do município são sitiantes, moradores da zona rural, o que torna a cidade ainda mais pacata. Dentre esses sítios, três deles se destacam por possuírem comunidades quilombolas que buscam resgatar a cultura através do folclore e preservação de suas tradições.

São eles a comunidade do sítio Sobrado, Pêga e Arrojado. A comunidade sítio sobrado, com a prática do maneiro pau. No arrojado a capoeira é tratada como principal atividade cultural, bem como o “maculelê” e a “Puxada de rede” realizadas com pouca frequência, entretanto, são danças que também compõem o repertório dessa comunidade. E a terceira comunidade, se encontra no Pêga onde se encontra a prática da “Dança de São Gonçalo”.

Diante de tanta riqueza cultural, investimos no trabalho de campo com o firme propósito de conhecer a diversidade oportunizada na comunidade, bem como aprender com os ensinamentos propostos por seus interlocutores.

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer área humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para capturar suas explicações e interpretações. (Gil. 2002, p. 53)

Assim como proposto acima, percebemos no estudo de campo, a condição para a realização de um trabalho bastante prático e íntimo, pois, com ele, nos aproximaremos da realidade das comunidades pela oralidade com seus representantes. Antes de tudo, vemos a importância em compreender as comunidades como um todo, e não somente parte dela. Por isso, ponderamos sobre o cuidado de investigar todas as práticas lá existentes. Tentaremos com isso, relacioná-las procurando dialogar com os conhecimentos da cultura corporal exercidas por elas e consequentemente refletir sobre quais são as intersecções com a Educação física.

**Revisão de leitura**

**Presença de afro descendentes no RN.**

Apesar de poucos registros sobre a presença de afro descendentes no Rio grande do Norte, hoje, no estado, apontamos para um número variável de comunidades de afro descendentes – de dez a cinquenta registros - reunidas em comunidades rurais, de caráter endogâmico, ainda tendo uma forte memória genealógica.

Sendo assim, podemos pensar que uma considerável parte da população negra havia conseguido libertar-se – pelo menos formalmente – do seu estatuto de escravo e que, em meados do século XIX, havia um quadro diferenciado na composição social, geográfica e cultural das populações afrodescendentes que habitavam a região Nordeste, tanto na zona rural ou urbana, quanto no litoral, no agreste ou no sertão. Desde 1850, há a libertação de escravos e o Ceará, neste momento, dá o exemplo para o Rio Grande do Norte na organização de uma campanha abolicionista (Hemeterio Filho, 1983; Lamartine, 1965). Se Mossoró foi a primeira cidade do Rio Grande a libertar os seus escravos, no dia 30 de setembro de 1883, só fez seguir o exemplo recente do Ceará (Hemeterio Filho, 1983).

Com isso, também pouco se sabe sobre fatos mais recentes que envolvem afrodescendentes, como a presença de antigos marinheiros rebelados no Rio de Janeiro, durante a “Revolta da Chibata”, utilizados como mão-de-obra na construção da linha de trem Natal-Açu – obra não acabada que teve início em 1903 e atingiu Lages em 1930 -, destinada a escoar a produção de algodão (Monteiro, 2002).

Assim, foi no contexto escravocrata, das relações de trabalho e das revoltas que emerge uma cultura latente e rica, preservada pelas comunidades quilombolas, pois:

(...) atualmente, entende-se por quilombos, comunidades negras rurais habitadas por descendentes de africanos escravizados que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os negros dessas comunidades chamadas remanescentes de quilombos valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e tem normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade. (Fundação Cultural Palmares e UNB, 2002)

Dentro da realidade das comunidades encontradas atualmente na serra de Portalegre, três comunidades quilombolas foram estudadas na intenção de conhecer as suas práticas folclóricas como identidade cultural efetivadas pelo movimento corporal.

A seguir entraremos no ponto que irá dar dinâmica e aplicação dos resultados. Iremos abordar em nossas discursões e material encontrado dentro das investigações realizadas nas comunidades quilombolas apontando suas peculiaridades de movimento associadas as características de cada comunidade. Com base nas entrevistas realizadas em meados do mês de agosto junto à representantes das comunidades, iremos destacar suas particularidades e intenções quanto às práticas, seus costumes e folclore.

Um bom exemplo de como estas manifestações ocorrem pode ser nominado por Dona Alicinha (nome fictício, assim como os demais) pois ela afirma que pessoas da comunidade não querem ser chamadas de negros e ela que se orgulha em ser quilombola e negra, mostra indignação com comentários nesse sentido, revelando algo já inscrito na história dos negros no Brasil: a experiência da escravidão no Brasil transformou o africano em escravo, o escravo em negro, e o negro numa pessoa destinada a “desaparecer”, em nome da constituição de um povo cordial e moreno (Ferreira, R.F. p.74). O que não impediu a eclosão de uma cultura graciosa e importante como a Dança de São Gonçalo.

**Corpos que cultuam: um olhar sobre a Dança de São Gonçalo.**

As discussões das informações encontradas a partir da primeira entrevista feita a Dona Alicinha, orgulhosa por ser quilombola, moradora da cidade de Portalegre nascida no sítio Pêga desta mesma cidade, é conhecida pela preservação da dança de São Gonçalo e precursora da mesma. Ao falar da dança de São Gonçalo, ela a menciona como sendo a vida dela.

Não foi sempre eu existiu aqui não. Por ser uma dança folclórica era meio difícil... por que aqui na nossa região não tinha dança de São Gonçalo. Essa dança veio de Portugal aqui pra Portalegre. Então tinha um velho chamado Joaquim Miguel, em virtude de das suas andanças, ele aprendeu a dança de São Gonçalo e trouxe pra cá (...). Então ele foi procurar umas dançadeiras lá no Pêga. E mamãe era uma das dançadeiras (...). (dona Alicinha, setembro de 2016)

Observemos como ela aponta a origem da dança de São Gonçalo de acordo com seu conhecimento de mundo. Afirma que a dança foi ficando mais conhecida e começaram a se apresentar em muitos lugares. Em todo o Brasil a dança de São Gonçalo está ligada a um agradecimento ao Santo por um pedido alcançado (CASCUDO, s.d; QUEIROZ, 1958) ou seja, o devoto teve uma benção alcançada e ele que vai pedir a dança e organizar os preparativos (acolhimento, espaço, comes e bebes) para receber a imagem de São Gonçalo. A dança é composta por 12 partes chamadas de jornadas que se baseiam em um cântico e uma coreografia. Nas representações não necessariamente são feitas as 12 jornadas, segundo nos informa Dona Alicinha.

Quanto aos acessórios “A fita azul e vermelha nos vestidos. As cores das fitas servem para destacar e na hora de saber qual é o par de quem. Minha cor é vermelha porque eu gostei”. (Alicinha, setembro de 2016). Em outra representação cultural, Meyer (2005) estudou sobre as cavalhadas, como danças dramáticas e afirma que a cor azul representa os Cristãos e a cor vermelha os Mouros. As cores no São Gonçalo de Portalegre não apresentam significado simbólico e sim desempenham uma função estética.

Importante dizer, que dentro do catolicismo mestiço de Portalegre, São Gonçalo apresenta muitos devotos. Porém a devoção ao Santo é diferente. O devoto faz um pedido e caso esse seja alcançado, ele convida as dançadeiras e os tocadores para realizar uma dança na frente da casa. Não há interseção da igreja católica ao Santo, a dança é a própria ligação, pois é através dali que o devoto agradece as graças recebidas[[4]](#footnote-4).

Mas por se tornar um santo festeiro devido a forma com que as práticas de exaltação eram conduzidas, e o fato de a imagem ser tratada com descaso e desrespeito, foi proibido de se fazer tais cultos dentro da igreja católica (PEREZ, 2000).

Mas uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas. (TURNER, *apud,* 1974, p.20)

A maneira como pode ser percebida a Dança de São Gonçalo mostra também como outros aspectos da Cultura, como por exemplo, a Capoeira, foram e são tratados em Portalegre, vejamos.

**Corpos que lutam: um olhar sobre a Capoeira**

O primeiro entrevistado se chama Alex. Com idade de 32 anos, morando a 2 anos em Portalegre, natural de Tabuleiro Grande – RN, é professor de capoeira e representante da Associação Cultural Desportiva Acorda Capoeirista (ACDAC) e estudante do curso de pedagogia UERN/CAMEAM. Trabalhando como voluntário, Alex afirma que “muitas pessoas gostam da ideia da capoeira mas por falta de apoio e incentivos do poder público, as dificuldades aumentam, principalmente na questão estrutural/material e o grupo não consegue atrair mais praticantes”.

Para Alex (entrevista, agosto 2016) “A capoeira tem o objetivo de resgate da cultura quilombola.” Em suas palavras, sempre procura realçar o objetivo no qual a capoeira se faz presente. A preocupação de não deixar essa cultura sumir, principalmente dentro da comunidade quilombola do sítio arrojado. A capoeira é de origem angola, e , segundo Alex, “Os negros usavam a capoeira com defesa do feitor, mas eles ainda não sabiam que aquilo era capoeira”.

Nota-se que Alex possui um conhecimento elementar sobre a capoeira e que o partilha sem grandes dificuldades e acrescenta informações sobre o grupo que atende: o perfil dos alunos são crianças a partir de 5 anos, que é uma idade ideal, e jovens até 19 anos. Entretanto os jovens não sentem tanto interesse quanto as crianças. Ele afirma que “Trabalhamos a evolução da capoeira sempre deixando claro que a capoeira é uma luta para auto defesa”. Então as crianças e os jovens já entendem a contribuição e a função da capoeira e não apenas como uma dança ou diversão para o lazer do grupo. A capoeira possui uma intensidade rítmica marcante que são adquiridas através do berimbau, pandeiro, atabaque (tambor de origem oriental), reco-reco e dependendo dos recursos, pode-se usar o violão, guitarra e o contrabaixo.

Informa que, atualmente o foco do trabalho é a capoeira, apesar de existirem outras danças que derivam dela, logo após a apresentação da luta. Como exemplo, o “maculelê” e a “puxada de rede”. O maculelê, é praticamente o segundo passo dentro da capoeira depois de aprende-la. Eles dançam, todos de uma só vez, com dois bastões nas mãos, tentando retratar uma luta.

Antigamente os negros, quando fugidos, formavam tribos e alguns queriam tomar a tribo do outro e a tribo dos Macúas foi a que ficou mais famosa, nesse tempo eles lutavam com pedaços de pau chamados de lelê [...] Então os Macúas saim para lutar lelê que eram os paus. Ou seja, maculelê. Ela hoje é feita com facão, bastões com fogo na ponta e é montada as coreografias. (Alex, agosto de 2016)

A dança da puxada de rede também é apresentada de forma secundária, depois da luta, e expressa exatamente a pesca e a tentativa capturar o peixe.

A puxada de rede originou-se logo após que a lei áurea foi assinada. Os negros não tinham mais seus patrões para os sustentarem e precisavam obter alimento de alguma forma. Foi na pesca, visto que existia um peixe “Xaréu” que era de bom valor comercial, e que só eles sabiam a época certa da pesca, uniam-se em grandes grupos para poderem manusear a rede muito pesada e pescar muitos peixes. (Alex, agosto de 2016)

Observamos que dentro de uma mesma comunidade existe o resgate e a prática da capoeira e de duas vertentes que se associam na intenção de mostrar o empenho dos participantes em preservar não somente a capoeira mas novas conexões a ela implicadas dentro do mesmo contexto. Notamos também na citação acima, uma certa relação de subserviência ao comando, uma vez que considerava-se que os patrões os sustentavam. Vejamos mais.

**Corpos que rimam: um olhar sobre o Maneiro Pau**

A segunda entrevista foi feita com Mariazinha, mais conhecida como “Dona Dadá”, ela é uma das líderes da comunidade quilombola no Sobrado e responsável pela associação Negros Felicianos do Alto que se dá em homenagem ao primeiro casal da comunidade. Dona Dadá é a responsável pela dança do Maneiro Pau e também se destaca como cordelista e como a 15ª negra mais popular do Estado do RN do ano de 2016. “O sítio Sobrado, até onde eu sei, ganha esse nome porque quando o negro saía para se esconder, descia pra se esconder no baixo ou subia para se esconder no alto (sobrado)”. (DADÁ, agosto de 2016)

Sobre a dança folclórica do Maneiro Pau, o perfil dos praticantes é de pessoas mais jovens, até 30 anos, sendo todas mulheres. Essa dança tem origem africana e era a maneira que o negro tinha para se divertir, diz Dona Dadá. A dança é praticada apenas como preservação de cultura, e ainda que se afirme o contrário, ela é carregada de simbolismos, religiosidade e culto. Os acessórios utilizados é o pau curto e uniformes brancos como vestidos.

A melodia do Maneiro Pau é uma só, mas a cada nova dança, uma paródia deve ser produzida, afim de combinar com o evento. Ou seja, para cada apresentação uma nova produção de dona Dadá. Quanto a valorização da dança pela sociedade, houve uma grande mudança. “Hoje o negro tem o sorriso mais natural, você não viu, mas nós saímos daqui pra rua na hora dos miseráveis” (DADÁ, agosto de 2016). Quando a festa estava quase acabando na cidade, era a hora que os negros iam chegando para poder entrar no mercado público para dançar na festa. E quando ela comenta essa passagem, aponta o preconceito desde aquela época de forma inibidora para os negros até na hora de participar dos entretenimentos sociais na cidade.

Enquanto a resistência de não ter tanto interesse dentre as pessoas que a praticam, a explicação está diretamente ligada ao perfil jovem das mulheres. A tecnologia segundo dona Dadá, é um dos fatores que inibem o público jovem de estar participando da dança. Segundo ela “A cabeça dos jovens de hoje, é diferente da cabeça dos primeiros jovens que hoje não dançam mais”. E aí vem a importância de quando falamos na preservação da cultura, no que diz respeito ao repasse dos costumes desses. O movimento mais expressivo dentro da dança é a marcação dos paus todos sincronizados sendo projetados ao chão ou um no outro para fazer barulho ou erguido ao alto nos intervalos das cantigas ritmadas.

Observemos a importância do movimento característico à cultura e por conseguinte, elo forte nas interações da Educação Física foram e são decisivos na preservação de valores e manutenção de danças que, caso não sejam propagadas, experienciadas e motivadas, tendem à desaparecer.

**Conclusão**

Nas três comunidades analisadas, por mais que estejam num mesmo município, e assim muito próximas, cada uma apresenta sua característica própria no seu comportamento e nas práticas de cultura corporal. Consideramos que o conhecimento dessa cultura afro descendente e das comunidades quilombolas da cidade de Portalegre nos possibilitou compreender os pertencimentos e as práticas corporais das comunidades quilombolas de Portalegre – RN. Esse trabalho permitiu iniciar um entendimento de que o movimento não se limita ao funcional e biológico, ele é um mecanismo eficaz de transmissão cultural e de valorização da identidade local, mais precisamente, compreende-lo como elemento de ligação entre integrantes de uma mesma cultura. Proporcionou ainda, a partir desse estudo, apresentar o olhar da Educação física sobre diferentes vertentes do movimento, sobretudo enquanto dança e luta.

**Referências**

CARVALHO, F.M. **O Dicionário Do Folclore Brasileiro: Um Estudo De Caso Da Etnoterminologia e Tradução Etnográfica.** Disponível em < <file:///C:/Users/Autonomo/Downloads/2013_FlaviaMedeirosdeCarvalho.pdf> > Acesso em: 07/09/016.

CAVIGNAC, J. A. **A etnicidade encoberta: ‘Índios’ e ‘Negros’ no Rio Grande do Norte.** Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/167> > Acesso em: 07/09/2016.

CASCUDO, Luis Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. V.1.8ª ed. São Paulo: Global, 2002a.

DAOLIO, J. **Educação física um conceito cultural**. Disponível em < <https://books.google.com.br/books> > Acesso em: 24/08/2016.

FERRETTI, F. **Dimensões da Cultura: Popular, Erudita.** Disponível em < <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Dimensoes%20da%20Cultura.pdf> > Acesso em: 24/08/2016.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Disponível em **<** [http://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil -a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view](http://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil%20-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view) > Acesso em: 23/08/2016.

Ferreira, R.F**. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro descendente.** Disponível em: < [www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a05.pdf) > Acesso em: 24/08/2016.

IBGE, **Síntese de informações: Portalegre, rio Grande do Norte**. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=241020&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es> > Acesso em: 24/08/2016.

LARAIA, R. **Cultura: um conceito Antropológico.** Disponível em : **<** <https://books.google.com.br/books> > Acesso em: 23/08/2016.

MORAIS, G. **Entre Parentes: cotidiano, religiosidade e identidade na serra de Portalegre/RN.** Glória Cristina de Oliveira Morais - Natal, RN, 2005.

SILVEIRA, R. **A Educação Física como Cultura Corporal: Uma proposta pedagógica**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

1. Aluno do 2º Período do Curso de Educação física – CEF do Campus Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, da cidade de Pau dos Ferros. Esse grifo se aplica aos outros quatro autores. [↑](#footnote-ref-1)
2. Comentário retirado de um trabalho de dissertação de mestrado de 2005 “entre parentes” (cotidiano religiosidade e identidade na serra de Portalegre) da socióloga Glória Cristina de Oliveira Morais, UFRN. [↑](#footnote-ref-2)
3. Em 2004 a prefeitura de Portalegre iniciou um projeto de aproximação com a Portalegre de Portugal. Tornaram-se até hoje conhecidas como “cidades irmãs”. Em outubro do mesmo ano moradores de Portalegre de Portugal a serra Potiguar onde foi apresentado a eles a dança de são Gonçalo. [↑](#footnote-ref-3)
4. La Barbinais assistiu uma apresentação da dança de São Gonçalo em Salvador e, segundo Freyre (1999,p.249), ficou horrorizado com o que viu. “Eram danças desenfreadas ao redor da imagem do santo [...]. Violas tocando. Gente cantando. Barracas. Muita comida. Exaltação sexual”. [↑](#footnote-ref-4)